



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

31 de janeiro, 01 e 02 de fevereiro de 2015

A Notícia AN Classificados

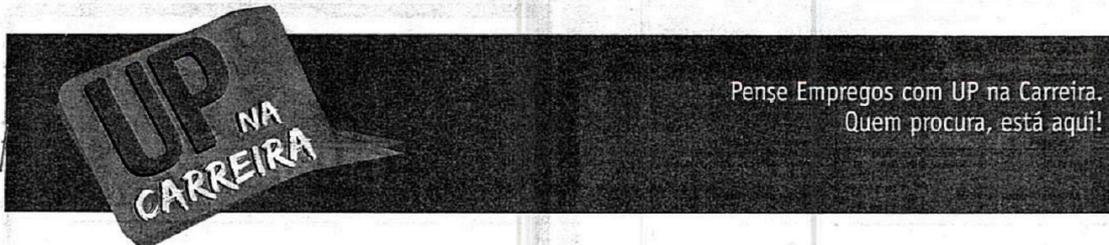
“Ensino dentro das prisões cresce no país”

Prisões / Brasil / Terceiro colocado em quantidade de pessoas encarceradas/ 711 mil presos / Educação dentro dos presídios / DEPEN / Departamento Penitenciário Nacional / Ressocialização / Lei de remissão penal / Joinville / Projeto pioneiro / Juiz / João Marcos Buch / Sistema de leituras / Remissão de pena / Complexo Penitenciário de Florianópolis/ Vestibular / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Serviço Social / História / Meteorologia

06

AN Classificados

Joinville, sábado, 31 de janeiro de 2015.



Ensino dentro das prisões cresce no país

Santa Catarina ocupa o nono lugar, e Joinville é uma das cidades pioneiras no uso de leitura para redução de pena.

Nos últimos anos o número de apenados no Brasil cresceu. E o país é, atualmente, o terceiro colocado em quantidade de pessoas encarceradas. São 711 mil presos, atrás apenas dos Estados Unidos e da China, com 2,2 milhões e 1,7 milhão, respectivamente. Para evitar que esse número continue crescendo, uma das alternativas é a educação dentro dos presídios.

A maior parte dos presidiários brasileiros não teve a oportunidade de estudar. É o que revela o levantamento do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Segundo o documento 46% dos presos não concluíram o ensino fundamental, 6% são analfabetos e apenas 0,4% possui ensino superior completo. No total 88% dos presos não concluíram o Ensino Médio e é dentro da cadeia que surge a chance de mudar esse quadro.

De acordo com as leis brasileiras o sistema carcerário deve ser um espaço para a ressocialização dos detentos. Por conta disso, oportunidades de estudo devem ser oferecidas aos apenados. Pela lei de remissão penal, o detento pode abater um dia da pena a cada 12 horas de aula divididas em, no mínimo, três dias de estudo. Segundo dados do Instituto Avante Brasil o país vem melhorando no que diz respeito à educação nos presídios, mas ainda assim, o acesso ao estudo alcança apenas 9% da população carcerária. Pernambuco é o estado onde mais presos estão inseridos em atividades educacionais, tendo em média 191 estudantes para cada 1.000 presos entre 2008 e junho de 2012. Na outra ponta vem o Maranhão com a menor taxa de presos em atividade educacional, com uma média de 22 para cada 1.000 presos.



Santa Catarina é o 9º estado em número de presos inseridos no sistema educacional

Nesse levantamento Santa Catarina aparece em 9º lugar, com uma média de 90 apenados estudando para cada 1.000 reclusos. Em Joinville um projeto pioneiro chama a atenção quando se trata da educação nos presídios.

Implementado pelo juiz João Marcos Buch o sistema de leitura como forma de reduzir a pena dos detentos no Complexo Prisional, que inclui o presídio e a penitenciária, foi bem aceito tanto pelos presos, quanto pela comunidade jurídica e pela sociedade civil. “A adesão dos apenados foi excelente.



Cerca de 40% dos detentos já tiveram remissão da pena pela leitura homologada

A adesão dos presos é voluntária e, para cada livro lido por mês, os apenados ganham quatro dias abatidos da pena. Mas para ter a redução o detento precisa fazer uma resenha da obra escolhida, que deve ser produzida em sala de aula com a ajuda de pedagogos. Semanalmente os presos recebem uma lista de títulos disponíveis para empréstimo, depois disso têm 30 dias para entregarem o texto.

“Através da educação de qualidade, independente da pessoa estar presa ou não, constrói-se a ética e alteridade, ampliando-se o universo do ser humano. Ao preso não é diferente, através da educação, nitidamente o processo de retorno do indivíduo à sociedade livre será menos impactante e com maior possibilidade de harmonia”, pondera o magistrado. Depois de prontas as redações são enviadas ao juiz que concede ou não a remissão da pena. Desde 1º de maio de 2014, quando o projeto entrou em vigor, foram mais de 600 livros de literatura clássica lidos pelos presidiários. “Além dos benefícios com remissão de pena, o detento que adere ao projeto acaba

demonstrando uma compreensão maior sobre sua situação, sua vida e os motivos todos que resultaram em sua prisão. Consequentemente, ele se habitua a ler e passa a ter melhor comportamento, assume responsabilidades e se prepara conscientemente para o retorno à liberdade”, aponta.

A educação no sistema carcerário é, de acordo com especialistas, o melhor caminho para ressocializar os apenados e reduzir o déficit prisional. Atualmente seria preciso construir 396 novos presídios, o equivalente a 208 mil vagas, para suprir a falta de espaço no Brasil. Mas o ensino é visto como principal fator para solucionar um problema ainda maior: a reincidência.



O fenômeno da violência é muito mais complexo e não será resolvido puramente pelas penas

“O fenômeno da violência é muito mais complexo e não será resolvido puramente pelas penas, muito menos pelo seu recrudescimento. Esse é o motivo de eu acreditar que a educação, mesmo dentro de um presídio, pode reduzir a reincidência” aponta.

Em busca de uma nova chance 24 presos estão cursando uma faculdade em Santa Catarina. No ano passado quatro detentos do Complexo Penitenciário de Florianópolis foram aprovados no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Eles concorreram a vagas nos cursos de Serviço Social, História e Meteorologia.

Notícias do Dia Especial

"Reforço à boemia do Centro antigo"

Bar do Alvim / Alvim Nelson Fernandes da Luz / Mercado Público / Reduto dos manezinhos / Rua João Pinto / Centro mais vivo / Setor leste do Centro / Requalificação da região/ Da Avenida Hercílio Luz até a Praça 15 / Fornecimento de carne / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Especial

EDITOR: Rodrigo Lima @rodrigolima@noticiasdodia.com.br @rodrigolima_ND

NOTÍCIAS DO DIA 3
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO, 31 DE JANEIRO, E DOMINGO, 1 DE FEVEREIRO DE 2015



Felicidade. Alvim fez história no Mercado Público, mas reabrirá o novo bar na rua João Pinto

Reforço à boemia do Centro antigo

Reinauguração. A volta do tradicional Bar do Alvim retoma a vocação da região central

DARIENE PASTERNAK
pasternak@noticiasdodia.com.br

@ND_online

Alvim Nelson Fernandes da Luz voltou a ter um sorriso de orelha a orelha. Isso porque nesta segunda-feira, possivelmente já durante o período da manhã, ele reabrirá seu bar no Centro da cidade, o Bar do Alvim. Não mais no endereço onde fez história, o box 1 do Mercado Público, mas também não tão longe, na rua João Pinto, número 30.

Na verdade, se estabeleceu bem no coração do Centro velho, agora reforçado núcleo boêmio da cidade, que inclui outros bares tradicionais, como a Kibelândia, na rua Victor Meirelles, fundada em 1969, os bares da Ratclif, entre eles o Canto do Noêl, e mais recentes, como o Gato Mamado e Taliesyn. A tradição de boteco é que Alvim quer manter: abriu de manhã à noite, do café com leite ao chope, sem hora para fechar. Após as 18h, quer colocar mesas no calçadão e até som ao vivo. "As noivas estavam soltas", brinca, sobre todos os orfãos do seu bar no Mercado, que fechou no ano passado, com muita comoção, e reabriu em Palhoça – e continuará funcionando. Na Capital, ele administrará com o ex-gêro Janir Francisco e a filha Simone.

No cardápio, voltam o peixe grelhado, os pastéis de camarão e de berbigão, as almeidas e a chuleta grelhada. No balcão, a cerveja gelada ou o chope. "Conforme o cliente quiser. Sempre atendi de desembargador a uma figura qualquer", conta, lembrando os manezinhos tradicionais que frequentaram seu bar, como Paulo Gil Alves, Orlando Pessi, o Torrado, Washington Nascimento, que já morreram, e Adilson Gonzaga, Newton Ramos Filho... "Mas nem gosto de citar se não vou esquecer alguém", diz.

Projeto de revitalização do setor Leste

O retorno do Bar do Alvim resgata a confiança de Déco Bortoluzzi em ter um centro mais vivo, mais cultural, como foi no passado. Aposentado da prefeitura, ele, que passou pela área de cultura, inclusive pela Fundação Franklin Cascaes e a direção do Teatro Alvaro de Carvalho, é amante declarado dos botecoins. Observa que a cidade perdeu muito sua movimentação central desde o fechamento dos cinemas, como Roxy, Ritz e Cine São José, e de seus bares tradicionais, como Ponto Chic, Confeitaria Chiquinho e Japonês, na rua Felipe Schmidt, Roda Bar,

na Trajana, e agora, recentemente, com a saída de Alvim do Mercado Público. "Florianópolis sempre foi uma cidade boêmia, alegre, agora está mais triste, perdeu a nota. Veja a Lapa [no Rio de Janeiro] como ficou. Era uma região feia, mal frequentada, agora tem bares com samba, choro, jazz e movimentação o dia todo", diz Bortoluzzi.

É com essa proposta em mente que o secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano Dalmo Vieira Filho, fala da requalificação da região, que começou com a criação da feira Viva a Cidade, aos sábados, e

abrangerá todo o setor Leste do Centro, da avenida Hercílio Luz até a praça 15 – que perdeu muito com a desativação do terminal de ônibus. É um projeto que inclui a fixação subterrânea e a repaginação do passeio e calçamento. O plano, que é calculado em torno de R\$ 12 milhões de investimento e deverá começar ainda neste primeiro semestre, foi acertado entre prefeitura e governo do Estado. "Era uma área que teve uma perda de significância, pode-se dizer que até caiu em decadência, e que agora retorna com os sebos e lojas de usados durante o dia e os bares à noite", observa Dalmo.

Bar que fez história no Mercado Público

Antes de se tornar o Bar e Fiambreria do Alvim, o box 1 do Mercado Público funcionava como açugue e fiambreria, comandado por Nelson Fernandes da Luz, o pai de Alvim. O local foi aberto em 1954 e chegou a fornecer carne até para a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). A recepção da família

sempre atraiu muita gente para o Mercado, que tomava cervejas em um pequeno balcão da mercearia. "Todo mundo falava: abre aqui um bar, que vai dar certo. Já tem até clientela", lembra Alvim. Assim, em 1985, o local virou oficialmente um botecoim, que foi ganhando frequentadores conforme o cardápio e a

propaganda boca a boca aumentavam. Assim, se tornou um reduto dos manezinhos que passavam para bater um papo, saber as novidades, tomar uma cerveja gelada, até ser fechado em julho de 2014, após ficar de fora da licitação que definiu um novo mix para os boxes Mercado Público.

● Bar do Alvim,
rua João Pinto,
30, tel. 3225-
3723

Notícias do Dia Cidade

“Sinal verde para convite do governo”

Ponte Hercílio Luz / American Bridge / Empresa norte-americana /
Recuperação da ponte / Cartão postal de Florianópolis / Professor da UFSC /
Honorato Tomelin

Cidade

EDITOR: Rodrigo Lima @rodrigolima@noticiasdodia.com.br @rodrigolima_ND

Sinal verde para convite do governo

**Hercílio Luz. American Bridge
afirma ao ND que tem interesse
em assumir recuperação da ponte**

MARCIANO DIOGO
marciano.diogo@noticiasdodia.com.br
@ND_online

A empresa norte-americana American Bridge poderá assumir a reforma da ponte Hercílio Luz ainda neste semestre. A construtora é a mesma contratada que levantou a ponte – a Hercílio Luz foi construída em apenas quatro anos, de 1922 a 1926. A negociação acontecerá em reunião com o governador Raimundo Colombo (PSD), que viajará para os Estados Unidos no dia 10 de fevereiro para convidar a empresa para recuperar um dos maiores patrimônios históricos de Santa Catarina e o cartão-postal de Florianópolis.

Em resposta ao *Notícias do Dia*, por email, a American Bridge explicou que foi subcontratada pela empreiteira Byington Sundstrom para erguer a ponte. “A AB [American Bridge] já completou numerosos esforços de reabilitação de pontes suspensas, como a do rio Tejo, em Lisboa, Portugal; a Lions Gate Bridge, em Vancouver, no Canadá; e da George Washington, em Nova York. Dada nossa grande história e capacidade, teríamos interesse no trabalho

de reabilitação da ponte Hercílio Luz”, confirmou Heather Nicholson, coordenadora de comunicação da construtora.

De acordo com Colombo, que viajará aos Estados Unidos com um grupo de engenheiros e fará o convite oficial à American Bridge, o objetivo é resolver o impasse nas obras de restauração, paralisadas desde julho de 2014. Se a empresa aceitar a proposta, conforme confirmou a capacidade técnica e interesse para o *Notícias do Dia*, a contratação será feita sem licitação, para dar agilidade ao processo.

Além da American Bridge, que ficaria responsável pela restauração final da Hercílio Luz, outra empresa deve ser contratada para conduzir as obras emergenciais. A prioridade, segundo o governador, é encontrar quem execute e termine a obra emergencial para que, em seguida, comece a fase de recuperação da ponte com a American Bridge.

A nova empresa que dará continuidade às obras emergenciais também será contratada sem licitação. Depois de assinado o contrato, a empresa terá seis meses para concluir o serviço ao custo de R\$ 10,2 milhões.



PONTES RECUPERADAS Trabalhos da American Bridge pelo mundo



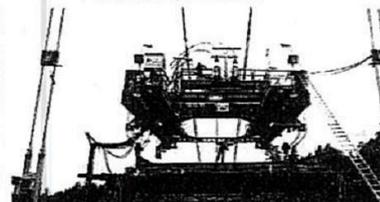
George Washington, em Nova York



Lions Gate Bridge, em Vancouver



Operários trabalham na George Washington



Reforma da ponte Lions Gate Bridge



Ponte 25 de Abril, em Lisboa



Robert F. Kennedy, em Nova York

Uma das melhores do mundo

Com um portfólio que inclui importantes trabalhos de reparos, como na ponte Robert F. Kennedy, em Nova York, e de construção, como a ponte que liga o Estado de Virgínia à ilha de Chincoteague, a American Bridge é uma das melhores construtoras de pontes do mundo. A empresa existe desde 1900, tem diversas unidades espalhadas pelos Estados Unidos e atua no mercado com a aplicação de técnicas avançadas de engenharia,

além de trabalhar também com instalações marítimas.

No site, a American Bridge se apresenta como líder de mercado da construção civil. A companhia, que também presta serviços de consultoria, se destaca na construção e reabilitação de cabo apoiado em pontes, pontes móveis, de treliça de aço e em arco de concreto, obras marítimas pesadas, de infraestrutura de segurança e qualquer outro tipo de projeto estrutural.



“
Dada nossa grande história e capacidade, teríamos interesse na obra da ponte Hercílio Luz.
”

HEATHER NICHOLSON,
COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO DA AMERICAN BRIDGE

Imponente. Solução para a ponte pode vir da empresa que ajudou a construir o cartão-postal da Capital

Para Deinfra, estrutura atual suporta a própria carga

O primeiro aviso sobre os riscos da ponte Hercílio Luz foi dado em 1982 pela Steinman, Bouyton, Cronquist & Birdsall – que fazia parte do grupo de empresas que construiu a ponte – ao extinto DER (Departamento de Estradas de Rodagem), hoje Deinfra (Departamento de Infraestrutura). Após uma vitória, em setembro de 1982, por causa da quebra da barra de othal – e, por consequência, a perda da capacidade da carga –, o documento indicava os procedimentos a serem executados para minimizar os riscos existentes.

Entre as soluções para evitar esses riscos estavam a interrupção do tráfego e o monitoramento diário da ponte. A carta enviada ao DER dizia que os riscos

continuariam nos dois anos seguintes, até que as medidas fossem tomadas e a restauração permitisse a sobrecarga novamente. Devido ao estado avançado de deterioração, os procedimentos não garantiriam a estabilidade, mas deveriam ser executados para devolver à ponte “as devidas condições de segurança e vida útil”.

Em meio a mais um impasse (a empresa Roca desistiu do contrato emergencial) e a busca do governo em solucionar o problema e finalmente terminar as obras emergenciais da etapa chamada ponte segura, o ND buscou saber qual o real estado da ponte, quase quatro meses após a rescisão do último contrato com a empresa TDB, e quais as dificuldades que impedem as empresas

de assumirem ou darem continuidade ao trabalho. O engenheiro do Deinfra e fiscal das obras da ponte, Wenceslau Diotallevy, que acompanhará o governador nos Estados Unidos, afirmou que fisicamente a estrutura está nas mesmas condições de quando a obra foi paralisada, em julho do ano passado. Ele garante que o tempo parado, a influência dos ventos e as marés não prejudicaram o trabalho realizado até aqui. “Do jeito que ela está, suporta a carga própria, é como se estivesse de pé. O problema seria suportar mais carga, que é justamente no que estamos trabalhando agora para finalizar os apoios e concluir. Queremos a ponte segura, não há nada solto, as fundações estão feitas”, garantiu. (Letícia Mathias)

Ponte ainda não caiu porque é “teimosa”, diz engenheiro

O engenheiro e professor da UFSC Honorato Tomelin, que acompanha a agonia da ponte há mais de 30 anos, tem uma opinião diferente da equipe envolvida na restauração. Segundo ele, mediante os inúmeros riscos, descaso e demora na recuperação, a ponte ainda não caiu “porque é teimosa”. Ele diz também que a ponte nunca teve manutenção de fato, apenas períodos de conservação. “Conservação é limpar o automóvel, aspirar e deixar bonito. Manutenção é trocar óleo, pneu. Quando não faz nem um nem outro tem que mandar para oficina para fazer

recuperação e é por aí que estamos com a ponte. Saímos do zero para a recuperação. Por isso digo que é teimosa”, justifica.

Ele acredita na salvação da ponte, mas acredita que o valor destinado à obra e o tempo são inviáveis e seriam alguns dos motivos de nenhuma empresa ter concluído o trabalho, ou ter o desejo de assumir os riscos. Até agora foram gastos R\$ 52,1 milhões.

Wenceslau Diotallevy, do Deinfra, contesta e diz que não tem como mensurar o tempo de vida útil da ponte do jeito que está hoje, sem manutenção. A única questão que ele pode falar é

sobre a influência do vento. Na situação atual, segundo o engenheiro, o que faria a ponte entrar em risco seria vento acima de 130 km/h. E o plano de contingência, caso isso acontecesse, seria isolar a área.

O *Notícias do Dia* procurou a empresa Roca, mas foi informada que o proprietário estava viajando nesta sexta-feira. Os responsáveis pela TDB não foram encontrados, e a Espaço Aberto, que tinha contrato e foi rescindido em agosto do ano passado, informou por meio da assessoria de imprensa que não irá se manifestar sobre o assunto. (Letícia Mathias)

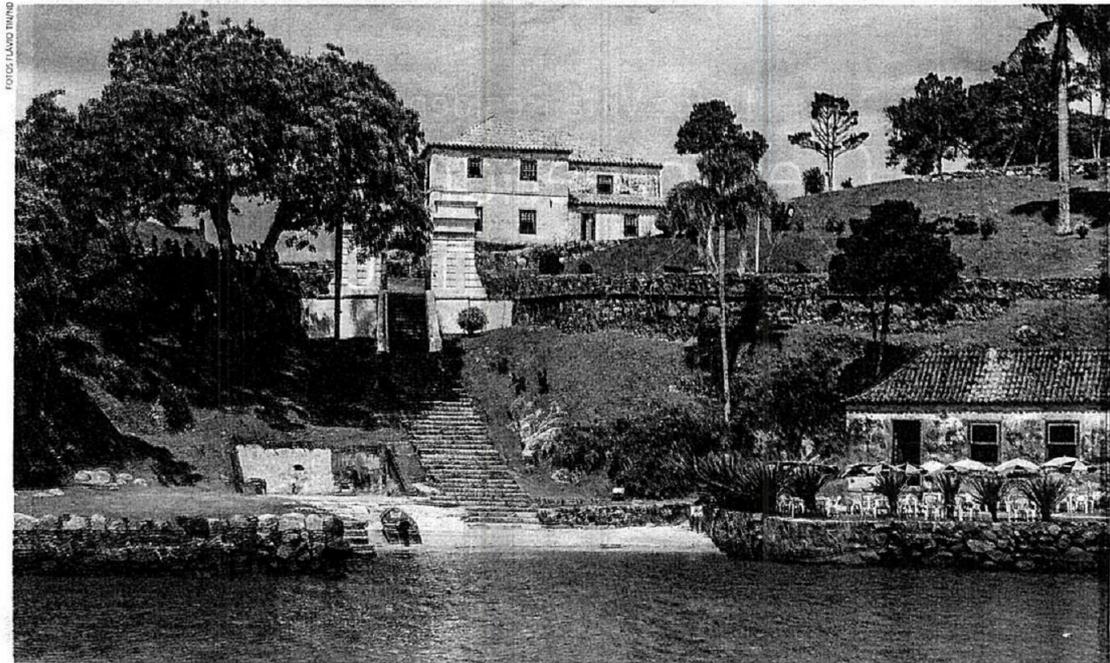
Notícias do Dia Região

“Governador da história e do verde mar”

Governador Celso Ramos / Costa Esmeralda / 43 praias / 7 ilhas / Fortaleza da Santa Cruz / Ilha de Anhatomirim / Ganchos / Gancheiro / UFSC / Manutenção da ilha / Restauração

Região

EDITORAS: Roberta Kremer e Saraga Schielt | redaca@noticiasdodia.com.br | @ND_Online



Governador da história e do verde mar

Paraíso. Cidade na Costa Esmeralda conta com 43 praias e sete ilhas e atrai mais de cem mil turistas na temporada

ALESSANDRA OLIVEIRA
alessandraol@noticiasdodia.com.br

De um lado, as montanhas. Do outro, mar azul e areia branca. O conjunto de belezas naturais da cidade de Governador Celso Ramos encanta os visitantes. Aqueles que um dia mergulharam ou desfrutaram da gastronomia da cidade não recebem em indicar o local. É de desse modo, com a mais eficaz das publicidades, que o município de 15 mil habitantes recebe mais de 100 mil turistas a cada nova temporada.

A cidade, suas 43 praias e sete ilhas guardam capítulos importantes da história catarinense. O principal deles se passou na Fortaleza da Santa Cruz, na ilha de Anhatomirim, cuja visita é obrigatória para entender o passado do mu-

nicipio, antes chamado de Ganchos.

Embora tenha sambaquis de mais de 3.000 anos e registro de índios itararés e guaranis, a ocupação das terras começou de fato em 1680, quando colonizadores chegaram da província de São Vicente (SP). Estes capturavam baleias para retirar o óleo dos animais. Em 1752, aportaram em Ganchos os primeiros imigrantes madeirenses e açorianos. “Mataram mais de 3.000 animais aqui. O óleo era utilizado na iluminação pública de Lisboa e Nova York”, contou o pesquisador William Wollinger, sobre a primeira atividade comercial na Armazém da Piedade. “A atividade predatória era tão importante que os Estados Unidos mantinham um embaixador aqui em Ganchos”, detalhou.

Povos distintos vieram para o arraial,

fazendo de Ganchos um mosaico étnico. Quando os açorianos chegaram, viviam na cidade pelo menos 150 escravos, a maioria bantos (oriundos da África subsaariana). Em 1820, chegaram imigrantes da Vila da Ericeira de Portugal, trazendo com eles as técnicas da pesca e engenharia naval, até hoje utilizadas pelos pescadores da cidade.

Neste misto de povos, surgiu Ganchos, cidade que se emancipou de Biguaçu em novembro de 1963. Quatro anos, mais tarde o município recebeu o nome de Governador Celso Ramos, em homenagem ao ex-governador do Estado. Mesmo após o rebatismo da cidade, seus moradores ainda preferem ser chamados de gancheiros, como diz o pescador João Carlos Campos, 45. “Ainda dá para viver bem com gancheiro”, disse.



Preocupado.

O turista italiano Franco Bonafé observa a necessidade de preservar as pedras históricas da escadaria



Fortaleza. Construção de Santa Cruz do Anhatomirim, datada de 1744, carrega histórias de enforcamentos e fuzilamentos

Encanto para visitantes de todo o mundo

Por indicação de amigos que Jair Hippler, 34, saiu de Dois Irmãos (RS) para visitar Governador Celso Ramos em companhia da namorada, Andressa Worst, 20. "A maioria de nossos amigos e colegas de trabalho postavam fotos dessa cidade nas redes sociais. Isso despertou nossa curiosidade", detalhou Andressa, minutos antes de avistar golfinhos pela primeira vez na vida, na baía de São Miguel, onde 40 mamíferos vivem em comunidade. "Encantador. Parece que eles gostam das pessoas. Não imaginava ver um espetáculo desse tão perto do meu Estado", afirmou Jair.

A bordo da escuna Maresias, as amigas Maria Joana Spanhol, 15, e Camila Miola, 22, apontavam as câmeras dos celulares para o mar. "Estou emocionada", falou Maria.

As jovens de São Miguel do Oeste estavam hospedadas em Balneário Camboriú, de onde vieram para o passeio náutico em Governador Celso Ramos. "Os golfinhos geralmente estão por aqui. Mas eles aparecem mais quando o tempo está nublado. Estamos com sorte", observou o dono da embarcação, Cláudio Rosa, 35. Satisfeito com o crescente número de visitantes, ele conta que transportou mais de 1.200 pessoas em seis dias, entre o Natal e Ano-Novo. O passeio, que sai da praia dos Golfinhos e vai até a baía de São Miguel e ilha de Anhatomirim, dura em média 2h30.

Ao chegar à ilha, onde foi construída a Fortaleza de Santa Cruz, os visitantes são acompanhados por guias como Dorival Neto, 14. Pelo menos três vezes ao dia ele conta aos turistas

um pouco das nebulosas histórias da fortaleza. Para tal ofício, o estudante participou de um curso de qualificação oferecido pela UFSC, entidade responsável também pela manutenção da ilha.

"Fiquei impressionado ao ouvir sobre os enforcamentos e fuzilamentos que o presidente Floriano Peixoto ordenou na ilha. O passado desse lugar em nada se parece com a beleza naturais em seu entorno", disse o turista de Chapecó Adriano Brandão, 35.

Sentado sobre a escadaria de pedras lioz vindas de Portugal, o turista italiano Franco Bonafé, 57, descansava enquanto esperava o momento de zarpar. "Acredito que o local merece mais cuidado. As pedras exigem manutenção, ainda mais porque estão próximas do mar", observou.



Roteiro. Ao lado, a entrada do calabouço da fortificação. Abaixo, os pratos mais tradicionais dos restaurantes têm frutos do mar como ingrediente principal

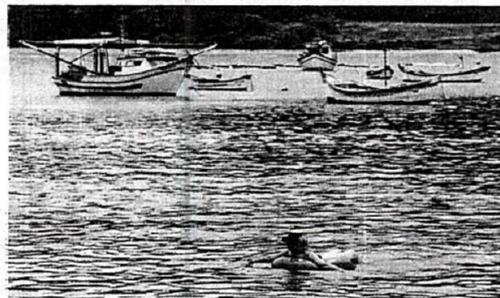


Passado nebuloso do sistema de defesa

Pertencem ao município de Governador as ilhas: do Arvoredo, Grande, dos Trinta Réis, do-Maximiliano, Ganchos de Fora, de Palmas e Anhatomirim. Nesta última foi construída, entre os anos de 1739 e 1744, a Fortaleza de Santa Cruz, uma das pontas do sistema de defesa idealizado pelo brigadeiro Silva Paes para proteger a ilha de Santa Catarina dos ataques espanhóis.

O equipamento se mostrou ineficiente após a invasão espanhola de 1977. "Os padres jesuítas deram o nome de Anhatomirim, que significa pequena toça do Diabo", detalhou o pesquisador William Wolinger, ao se aproximar da placa onde está gravado o nome de João Evangelista Leal, fuzilado no forte.

"Entre enforcados e fuzilados, mais de 300 pessoas teriam sido mortas aqui por serem contrárias ao governo do marechal Floriano Peixoto", contabiliza o pesquisador, ao se basear em estudo de documentos históricos sobre a Revolução Federalista de 1894. A entrada no interior de alguns prédios da fortificação está restrita, devido à restauração que a UFSC faz na fortaleza, desde setembro de 2013.



Descanso. Turista aproveita a tranquilidade da água da praia dos Golfinhos

Capricho na gastronomia

Quem visita Governador Celso Ramos certamente indicará a cidade aos amigos e familiares. Quem come no restaurante que Vilmar Sagas, 47, abriu na praia de Palmas há 25 anos também marcará o lugar entre as recomendações. Por lá, os frutos do mar são preparados pelas mãos da mulher de Sagas, Josiane Machado, 40. Ele tinha 19 anos, e ela, 14, quando abriram as portas do Raízes. "O talento dela na cozinha é o que fideliza a clientela", afirma, ao mostrar o Triodelícia, prato composto por lagostas, camarões e filé de peixe que, dentre outros acompanhamentos, traz arroz com nozes. "Vivemos a melhor fase do restaurante. Nada foi fácil", avalia, ao mostrar orgulhoso a estrutura da cozinha.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

"Nós conseguimos finalizar grandes obras e começar outras"

"A atuação classista não é uma dádiva ou um dever, é uma atitude profissional"

Inscrições abertas para doutorado em Ciências Humanas na UFSC

Carmen Zanotto tomou posse na Câmara Federal

UFSC libera resultado do Vestibular 2015 para vagas remanescentes